

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

Indicadores da economia

Por maior que seja a taxa inflacionária e por mais necessária que seja a luta contra ela, é preciso destacar que o País vem obtendo bons índices de desenvolvimento econômico, que afastam a terrível ameaça de uma estagnação, isto é, de um misto de inflação com estagnação econômica.

Os números mais recentes sobre o desempenho do comércio exterior, anunciados pelo próprio presidente José Sarney em seu último programa semanal de rádio, mostram que a balança comercial brasileira deverá registrar um superávit de 18 bilhões de dólares este ano. Esse número é uma projeção realista, quando se sabe que o superávit nos primeiros sete meses do ano alcançou a casa dos 10 bilhões de dólares.

É preciso considerar esses números à luz do que eles realmente representam na vida econômica nacional. Um superávit dessa ordem quer dizer que o Brasil está exportando mais, em dólares, do que importando. E se exporta mais é porque as atividades industriais e agrícolas ligadas ao setor exportador estão operando com sua plena capacidade. Em outras palavras, as fábricas e os campos estão empregando mão-de-obra, pagando salários, auferindo lucros, gerando investimentos e pagando impostos.

Esses dados do superávit da balança comercial devem ser somados às boas notícias oriundas das entidades da indústria, que

comprovam o aumento de investimentos em diversos ramos industriais importantes do País. Ao mesmo tempo, a taxa de desemprego alcança os seus níveis mais baixos. Segundo o informe presidencial, ela é hoje de 3,3 por cento, contra 9 por cento quando assumiu o governo em 1985.

Não quer isso dizer certamente que o País esteja nadando em prosperidade, mas é fora de dúvida de que a alta taxa inflacionária não deve ser vista isoladamente, como se fosse o único atestado da doença da economia. Na verdade, os indicadores da produção industrial, das exportações e do desemprego atestam, da mesma forma, a saúde da atividade econômica e as promissoras possibilidades de um efetivo retorno a altas taxas de crescimento econômico.

Resta, é verdade, a sangria da dívida externa, que drena alguns bilhões de dólares ao exterior, sob a forma de pagamento dos serviços de juros. Mesmo aí, o Brasil, maior devedor, nem por isso está em situação desesperadora, pois os credores externos sabem do nosso ritmo atual de desenvolvimento e da boa performance de diversos setores industriais. E isso só anima e facilita a concretização de acordos de renegociação da dívida que sejam aceitáveis e capazes de ajudar, em vez de frear, o ímpeto de desenvolvimento econômico irreversível do País.